

SELEÇÕES EM FOLHA

mfmenez@superig.com.br

Ano X, Nº 04 – 2006, ABRIL

Assinatura até Dezembro de 2006: 08 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

En el negro callejón donde en tinieblas paseo, alzo los ojos, y veo la iglesia, erguida, a un rincón. ¿Será misterio? ¿será revelación y poder? ¿Será, rodilla, el deber de postrarse? ¿qué será?

Tiembla la noche: en la parrilla muerde el gusano el retoño; grazna, llamando al otoño, la hueca y hosca cigarra. Graznan dos: atento al dúo alzo los ojos, y veo que la iglesia del paseo tiene la forma de un búho.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XXXII, José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Ao longe, passa um bando de gaivotas... indo em busca de abrigo nos rochedos; e, lá nas serranias mais remotas, a tarde vai tecendo os seus enredos!
 Estala e ruge o mar, em cambalhotas, escalando as paredes dos penedos... e a ilusão me conduz por outras rotas... nas ondas do passado... e dos segredos!...
 Vultos antigos voltam da viagem... acenando nas águas encrespadas; e eu paro, embevecido, ante a miragem!...
 E enquanto expira a tarde rósea e calma, escurecendo vales e quebradas, pausa um bando de ausências em minh'alma!

Vivendo com a corda no pescoço, acabo perdurando em toda a parte, pensando o cobrador em alvroço, tentando achar a fuga para Marte.
 Troquei minha azeitona por tremoço; se alguém compra um jornal, peço um encarte. Na briga com cachorro por um osso, eu faço um bom acordo e ele reparte.
 Nos dias de verão, eu chego à praia, e nado numa bóia que me emprestam, pensando que navego numa escuna.
 Mas não trabalho e vivo na gandaia, pois minhas cartomantes sempre atestam que um dia vou herdar uma fortuna!

O velho Nicodemus, em segredo, faz a Jesus, à noite uma visita. Líder judeu, parece que tem medo, e sendo fariseu, tem a alma aflita.
 Diz que no Mestre vê de Deus o dedo, pois ninguém faz milagres, acredita, num mundo aonde o mal chegou bem cedo, sem o poder de sua mão bendita.
 E ali Jesus lhe diz, ao que sabemos: "Tens de nascer de novo, Nicodemus, para poder entrar no Reino eterno".
 Ele, porém, que é professor do povo, ainda não sabe que nascer de novo não é voltar ao útero materno.

Renata Paccola, Corda Bamba: III Concurso de Poesias Celina Lourdes Alves Neves, 1205 em O Desafio, R. Moisés Leme da Silva 7-48, 17017-020

Ziver Rita, Jesus e Nocodemus; em LInteratura 0603 e Fanal 0512

No porto da longa vida, aportam longas idades; os barcos chegam da lida e descarregam saudades.
 Abgaur Bastos, 0602 BALI
 bali@okinternet.com.br

O amor em suas veredas, deixa a razão em fiapos: começa rasgando sedas, e acaba... juntando os trapos...
 Alba Christina, 0602 Sem Limites
 Rua Agenor Meira 14-73, Centro,
 17015-301 – Bauru, SP

Um abajur sobre a mesa, na velha jarra uma flor, um *Tango para Teresa*, saudades de um velho amor.
 Dalmir Penna ♪ 17.02.06
 SF0003

Só três!!! – o paizão lamenta, vendo os bebês no bercinho – ah! se a rede não rebenta, *nóis enchia* esse quartinho!
 Jaime Pina da Silveira, 0504 em O Pitiguari, Rua Guanabara 542, 59014-180 – Natal, RN

O poder quando se exerce com justiça e coração, torna sólido o alicerce que sustenta uma nação.
 Miguel Russowsky, 0602 Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º
 01501-030 – São Paulo, SP

Seguir a lei dos mortais ao pé da letra é um perigo: nem sempre os atos legais guardam justiça consigo...
 Newton Vieira, 0603 Trovaregre, Caixa Postal 181, 37550-000 – Pouso Alegre, MG

TEMAS DA SAZÃO OUTONO – QUIDAIS DE OUTONO

De repente, o sol desvenda as casas e o rio cobertos de bruma.
 Amália Marie Gerda Bornheim

Quebrando o silêncio, cantando, ressurgue um pássaro da bruma cinzenta...
 Amália Marie Gerda Bornheim

Na ponta do galho por um instante pousada pequena libélula.
 Carol Ribeiro

Na Ponta da Praia o crepúsculo de outono e um dedo de prosa.
 Neiva Pavesi

Caminho do mar serra toda colorida manacás em flor.
 Olga Amorim

Barraca de feira – os caquis enchem o cesto e os olhos do menino.
 Regina Lúcia Alonso Peres

Chuva matinal – dos galhos da quaresmeira flores a cair...
 Regina Lúcia Alonso Peres

23º Concurso Literário Takemoto, Haicais – Brasil Nikkei Bungaku 0603, nº 22.

O mar se encapela, pescador está contente: carmade de sardinhas.
 Djaldia Winter Santos

Ventania na mata leva o chapéu espantinho careca.
 Edmilson Felipe

Um apito alegre, lá vai Maria-fumaça...
 Dia do Ferroviário.
 Fernando Vasconcelos

Domingo de Páscoa, hora do almoço. A família esperando alguém.
 Manoel F. Menendez

O garoto grita: "Pamonha, pamonha fresca!"
 Festa! Compro todas.
 Olíria Alvarenga

Sanhaço pousado na laranjeira amarela. Lanche succulento.
 Regina Cláudia de Andrade

Plantação de arroz treme, ao vento, um espantalho aves à distância.
 Roberto Resende Vilela

HAICUS E M FOLHA

Lá no céu profundo, uma estrela ruzelente, acende as nuvens. O
 Aílson Cardoso de Oliveira

Nos ramos das árvores, orquídeas avermelhadas, decoram seus troncos. O
 Aílson Cardoso de Oliveira

Céu azul profundo espelhado sobre o lago e aves se banhando... E
 Amália Marie Gerda

No jardim florido, encapelando matizes, um mar de rocío... I
 Amália Marie Gerda

Na Semana Santa, só bonecos retalhados...
 Malhação de Judas! O
 Amália Marie Gerda

Escorre na pétala o rocío da manhã. E
 Respinga na relva. E
 Amauri do Amaral Campos

Céu azul profundo, nem parece que choveu. Reflexos nas poças. I
 Amauri do Amaral Campos

De leve o rocío grisalhando a cabeleira, da mulher que passa. A
 Analice Feitoza de Lima

Riscando o infinito sob o céu azul profundo, bando de andorinhas. A
 Analice Feitoza de Lima

Banhado de sol, o rocío cintilante enfeita a manhã. I
 Angélica Villela Santos

Ponteiros se juntam. Meio-dia. Aleluia! Malhação de Judas. O
 Angélica Villela Santos

Céu azul profundo. A estiagem continua. Roças ressequidas. O
 Angélica Villela Santos

Vaso de avenca molha a toalha da mesa gotas de sereno. AA
 Carlos Roque Barbosa de Jesus

Grande estrela brilha lá no céu de azul profundo – tremulante luz. O
 Denise Cataldi

Vultos esfumados no rocío da madrugada. – fantasma insones. O
 Denise Cataldi

Vizinhos alegres alarido de crianças: malhação de Judas! O
 Djaldia Winter Santos

Flores... flores... flores! Rocío, durante a noite, banhado de Judas. I
 Djaldia Winter Santos

Rocío reveste, as janelas da varanda com cortinas brancas. A
 Elen de Novais Felix

Em volta do poste, mãos ostentando porretes...
 Malhação de Judas! D
 Elen de Novais Felix

Nuvem baila no ar... Deixa o céu azul profundo, manchado de branco. O
 Elen de Novais Felix

Céu azul profundo. Cores por todos os cantos. Lembro-me seus olhos. O
 Fernando Vasconcelos

Veio o entardecer e a penumbra do rocío ofuscou a rosa. I
 Flávio Ferreira da Silva

Céu azul profundo, as ondas verdes do mar. Descanso na areia. O
 Flávio Ferreira da Silva

Nem deu meio-dia, paulada pra todo lado. Malhação de Judas. I
 Manoel F. Menendez

Um cirro aqui, outro ali... Num instante, céu azul profundo. I
 Manoel F. Menendez

Sábado de Aleluia. É na malhação de Judas que cobram justiça. O
 Maria App. Picanço Goulart

Bonita pintura, o azul profundo do céu. Janela o emoldura. E
 Nadyr Leme Ganzert

Céu azul profundo. E a noite se preparando para entrar em cena. E
 Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofas conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicuss em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.04.06, quigos à escolha: Carrapato-pólvora, Ipê roxo, Xale.

Remeter até 30.05.06, quigos à escolha: Névoa de inverno, Poluição, Pulóver.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou
mfmenez@ig.com.br

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

1. Preencher até três haicuss, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicuss desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicuss de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicuss cujo autor deixar de votar.

T E R C E T O S D I V E R S O S

Diante da beleza do coral das madres lindas, a primeira missa. Ailson Cardoso de Oliveira	Nas flores vermelhas um verde-azul vai pintando: sanhaços à vista. Alba Christina	Romãs são tesouros... Com duras cascas, escondem seus grãos de rubi... Amália Marie Gerda	Difusa aragem branca e fina neblina sonha a paisagem. Amauri Amaral Campos	Reza em campo aberto, ano de mil e quinhentos, a primeira missa. Analice Feitoza de Lima	No ouro verde a divisa nacional. Dia do Café! Cecy Tupinambá Ulhôa	Na mesa a fruteira e os sentidos aguçados: tempo de poncãs... Darly O. Barros
Quadro na parede, todos param para olhar: é A Primeira Missa. Djalda Winter Santos	Nem chegando a noite... Nos salões da Via-láctea, estrelas acesas. Elen de Novais Felix	No céu brasileiro, com a Missa Primeira brilha, mais cedo, o Cruzeiro. Fernando L. A. Soares	Céu, noites serenas, infinidade de estrelas, surge a Via-láctea. Flávio Ferreira da Silva	Triste caminhar. Cabeça protegida espessa bruma. Flávio Velasco	Árvore vistosa. Muitas folhas, galhos, caule... Mas... E o abacate? Franciela Silva	A gostosa fruta. Poncã bem amarelinha. Paladar saudável! Haroldo R. Castro
Pés de algodão uma alvura sem fim. Em breve a colheita. Helvécio Durso	Cabrália ainda exhibe o marco monumental da Primeira Missa!... Hermoclydes S. Franco	Voz fanhosa e estranha de um palmo de penas verdes: pobre papagaio. Humberto Del Maestro	Pica-pau com fome, procura um tronco de árvore. Alimento duro! João Batista Serra	Dia de neblina, se dirige um automóvel, desastre iminente. Jorge Picanço Siqueira	Moderno espantalho na capa do filme O Mágico de Oz. Larissa Lacerda Menendez	– Sanhaço guloso! Comendo todos os pêssegos?... ...Na manhã, só o corpo. Leonilda Hilgenberg Justus
Peco: faço guerra... Bem frente a estrela cadente, peço: Paz na Terra! Luís Koshitiro Tokutake	Existe, a cada dente, da boca do céu, oca, uma estrela cadente. Marcelino Rodrigues de Pontes	Ovos e coelhos, lindo Domingo de Páscoa, todos joyuais. Maria App. Picanço Goulart	23 de Abril. Reverência a Baden Powell. - Escotismo em festa! Maria Madalena Ferreira	Ao clarão da lua o silêncio faz reviver românticas noites! Nadyr Leme Ganzert	Dia da Saúde, comemoram hospitais. Injeção de ânimo. Renata Paccola	Cortejam a rosa, um cravo e um beija-flor: – triângulo amoroso... Santos Teodósio

A T O R T U R A P E L A E S P E R A N Ç A

Villiers de l'Isle-Adam 1838-1889, tradução de Ecila de Azeredo Grünwald, em Contos de Horror do Século XIX escolhidos por Alberto Manguel, 2005. Editora Schwarcz Ltda., www.companhiadasletras.com.br, fax (011) 3707-3501 – Gentileza de Edmilson Felipe da Silva

Ao sr. Edouard Nieter

– Oh! uma voz, uma voz, para gritar!...
Edgar Allan Poe,
“O Poço e o Pêndulo”

Ao cair da tarde, em tempos remotos, no piso abaixo das sepulturas do Oficial de Saragoça, o venerável Pedro Arbuez d'Espila, sexto prior dos dominicanos de Segóvia, terceiro Grande Inquisidor da Espanha, seguido por um *fra redemptor* (torturador-mor) e precedido por dois monges do Santo Ofício empunhando lanternas, desceu em direção a uma masmorra afastada. A fechadura de uma porta maciça rangu; penetraram todos num mefítico *in pace* onde a claridade tênue permitia divisar entre as algemas presas nas paredes um cavalete enodado de sangue, um fogareiro, uma bilha. Sobre um monte de esterco, com uma argola de ferro a contornar-lhe o pescoço e sustentado por vigas, encontrava-se sentado, com a fisionomia convulsionada, um homem de idade indeterminada, coberto de farrapos.

Esse prisioneiro não era senão o rabino Aser Abarbanel, judeu aragonês que, indiciado por usura e implacável desprezo pelos pobres, tinha sido, havia mais de um ano, diariamente submetido a tortura. No entanto, sendo “a cegeira mais densa do que a pele”, recusava-se a abjurar de seu credo.

Orgulhoso de sua ascendência milenar e de seus antepassados – pois, como todo judeu digno desse nome, era brioso de seu sangue –, descendia de maneira talmúdica de Otoniel e, conseqüentemente, de Ispisboé, mulher deste último juiz de Israel, fato que ajudara a reerguer-lhe o ânimo nos momentos mais dilacerantes do suplício.

Sem conseguir reter as lágrimas, ao pensar como uma alma tão forte escapara da salvação, o venerável Pedro Arbuez d'Espila, aproximando-se do rabino que tremia, pronunciou as seguintes palavras:

“Filho, alegra-te, tua provação nesta Terra chega ao fim. Diante de tanta obstinação, se tive de permitir, embora sofrendo, que tantos rigores fossem adotados, minha tarefa correativa de irmão tem limite. És como a figueira obstinada que, tantas vezes sem frutos, corre o risco de ser destruída... mas apenas Deus, e somente Ele, pode decidir sobre tua alma. Talvez a infinita clemência irá iluminar-te no instante supremo! Devemos ter esperanças. Há casos conhecidos. Que assim seja. Repousa em paz esta noite. Amanhã, farás parte do auto-de-fé: serás exposto ao *quemadero*, braseiro premonitório da eterna Chama; como bem sabes, filho, ele só queima à distância e a Morte chega lenta, em duas, às vezes três horas, por causa dos panos molhados e gelados com os quais temos o cuidado de preservar a frente e o coração dos holocaustos. Serás apenas o quadragésimo terceiro. Considera que, posicionado na última fileira, terás tempo suficiente para invocar Deus, para ofertar-Lhe o batismo de fogo pertencente ao Espírito Santo. Tem esperança na Luz Divina e dorme.”

Ao terminar sua fala, dom Arbuez fez sinal para livrarem o infeliz das correntes e o beijou com ternura. Depois, foi a vez do *fra redemptor*, que, em voz baixa, pediu perdão ao judeu pelos suplícios que infligira visando sua redenção; em seguida, os frades aproximaram-se e o beijaram em silêncio, através da cogula. Ao findar a cerimônia, o prisioneiro foi deixado só e pasmo no meio das trevas.

O rabino Aser Abarbanel, com o rosto deformado pelo sofrimento e a boca ardendo de secura, olhou, de início sem fixar a atenção, para a porta fechada. “Fechada?...” Essa palavra, no mais fundo dele, evocava uma divagação em seus confusos pensamentos. Havia entrevisto, por um instante, o clarão das lanternas na fresta entre os batentes da porta. Uma idéia mórbida de esperança, provocada pelo entorpecimento do cérebro, fez correr uma emoção por todo o ser. Arrastou-se até a insólita coisa que surgia! Cuidadosamente, com inúmeras precauções, deslizou um dedo pela abertura e puxou a porta em sua direção. Ó surpresa!

Por um incrível acaso, o frade que a fechara havia girado a enorme chave antes do encaixe, contra o muro de pedra, de tal modo que a lingüeta enferrujada não alcançou a fechadura. A porta abriu-se.

O rabino arriscou um olhar para fora. Favorecido por uma obscuridade lívida, logo percebeu um semicírculo de paredes terrosas circundado por degraus em espiral; e, destacando-se a sua frente, após cinco ou seis degraus de pedra, uma espécie de pórtico negro que dava acesso a um vasto corredor do qual se podiam distinguir apenas as primeiras arcadas.

Esticando-se, rastejou até a base do portal. Sim, era mesmo um corredor, mas de comprimento desconjugal! Uma claridade fraca, um clarão de sonho o iluminavam: lamparinas suspensas nas abóbadas desprendiam, em intervalos regulares, uma luminosidade azulada na cor sombria do ar – o fundo longínquo era apenas treva. Nenhuma porta lateral em toda a enorme extensão! De um só lado, à esquerda, respiradouros com grades cruzadas, abertos na parede, deixavam passar uma luz que deveria ser do crepúsculo, pela presença das riscas vermelhas que, vez ou outra, tingiam as lajes. E que silêncio aterrador!

Todavia, lá, nas profundezas dessa bruma, uma saída poderia abrir-se para a liberdade! A vacilante esperança do rabino era tenaz, pois era a última.

Sem hesitar um instante, aventurou-se a rastejar encostado à parede dos respiradouros, esforçando-se para confundir-se com a cor escura dos longos muros. Avançava com lentidão, arrastando-se pelo peito e contendo-se para não gritar quando uma ferida reabria.

Súbito, o ruído de uma sandália que se aproximava chegou até ele ecoando na aléia de pedra. Um tremor convulsionou-o; a ansiedade o sufocava, sua visão toldou-se! Então... com certeza, estava tudo acabado! Agachou-se numa reentrância e esperou, sentindo a morte próxima.

Era um frade que vinha a passos largos. Passou rápido, com um instrumento de tortura na mão, o capuz abaixado, terrível, e desapareceu. O pavor que assaltara o rabino o paralisou de tal forma que ficou como que esquecido das funções vitais por quase uma hora, impedido de qualquer movimento! O medo de ser apanhado e punido com tormentos mais terríveis fez acudir-lhe a idéia de voltar à masmorra. Mas a velha esperança segredava-lhe, na alma, esse divino *talvez* que reconforta nas piores desgraças! Operou-se um milagre! Não havia dúvida! Pós-se então a rastejar para a fuga possível. Extenuado pela dor e pela fome, aniquilado pela angústia, seguia em frente! E o corredor sepulcral parecia tornar-se misteriosamente mais longo! E ele, continuando a avançar, olhava fixo para a sombra, ao fundo, lá onde *deveria* existir uma saída salvadora.

Oh! Oh! ouviram-se passos de novo, dessa vez mais lentos e surdos. Duas formas brancas e negras com os longos chapéus de bordas retorcidas próprios dos inquisidores apareceram, emergindo da sombra. Conversavam em voz baixa e pareciam divergir em assunto importante, pois gesticulavam com ímpeto.

A essa visão, o rabino Aser Abarbanel fechou os olhos: o coração batia tanto que pensou sufocar; os farrapos que lhe cobriam o corpo foram inundados por um suor de agonia; permaneceu imóvel, tomado de pavor, encostado na parede sob a luz de uma lâmpada, imóvel, invocando o Deus de Davi.

Ao chegarem bem a sua frente, os dois inquisidores pararam, sob a claridade da lâmpada – sem dúvida por um acaso proveniente da discussão. Um deles, ouvindo o interlocutor, olhou na direção do rabino. E, sob esse olhar, cuja expressão distraída não entendeu de imediato, o infeliz já sentia as tenazes quentes a dilacerar sua carne; voltaria a ser uma lamentação e uma chaga! Sem forças, sem conseguir respirar, as pálpebras batendo, ele tremia inteiro ao sentir o roçar da túnica de um deles. Mas, coisa estranha e ao mesmo tempo natural, o olhar do inquisidor era, evidentemente, o de um homem profundamente preocupado com o

que iria responder, aborto no que ouvia. Os olhos permaneciam fixos – e pareciam olhar o rabino *sem enxergá-lo!*

Com efeito, ao cabo de alguns minutos os dois sinistros debatedores, sempre discutindo em voz baixa, retomaram a caminhada a passos lentos na direção de onde viera o prisioneiro. NÃO O TINHAM VISTO!

No terrível desespero dessas emoções, um pensamento veio sobressaltar o rabino: “Já estarei morto? Não conseguem enxergar-me?”. Uma violenta sensação arrancou-o da letargia: na parede em que encostava o rosto pareceu-lhe ver, bem à frente dos seus, dois olhos ferozes a observá-lo!... Jogou a cabeça para trás, num movimento brusco de estupor, ao mesmo tempo que sentia os cabelos se arrepiarem!... Mas não. Sua mão acabava de confirmar, apalpando as pedras: o reflexo dos olhos do inquisidor permanecera em suas pupilas e ele certamente os transformara em duas manchas no muro.

Em marcha! Precisava apressar-se na direção do alvo onde (insanamente talvez) imaginava estar a liberdade! na direção daquelas sombras que se encontravam a cerca apenas de trinta passos. Retomou, então, mais rápido, com joelhos, mãos e ventre, o penoso caminho; logo alcançou a parte mais escura do terrível corredor.

De repente, a mísera criatura sentiu um vento roçar-lhe as mãos que apoiava no piso de lajes. Provinha de um violento sopro de ar que escapava por baixo da porta na qual findavam as duas paredes.

“Ah! Deus! se essa porta abrisse para fora!”

Todo o ser do pobre foragido foi sacudido por uma vertigem de esperança! Ele a examinava de cima para baixo, sem poder distingui-la bem por causa da escuridão. Tateava. Não havia ferrolhos nem fechadura. Um trinco!... Aprumou-se. O trinco cedeu ao toque do polegar; a porta abriu-se silenciosa a sua frente.

“Aleluia!...”, murmurou o rabino, com um imenso gemido de ação de graças! Estava agora em pé na soleira, olhando para a frente.

A porta descortinava um jardim sob um céu de estrelas, a primavera, a liberdade, a vida! Em seguida o campo, prolongando-se até as *sierras* que mostravam as sinuosas linhas azuis no horizonte. Lá se encontrava a salvação. Oh! fugir! Correria a noite inteira pelos bosques de limoeiros cujo perfume chegava até ali. Uma vez nas montanhas estaria a salvo! Respirava o ar doce, sagrado; o vento o reanimava, os pulmões ressuscitavam! Ouvia, no coração tomado de júbilo, o *Veni foras* de Lázaro! E, para abençoar o Deus que o agraciava com tal misericórdia, estendeu os braços para a frente levantando os olhos para o firmamento. Foi o êxtase.

Então pensou ver a sombra se seus braços voltando-se contra si: imaginou ter sentido esses braços de sombra abraçando-o, enlaçando-o, e que era docemente pressionado de encontro a um peito. Com efeito, um vulto esguio estava a seu lado. Confiante, abaixou o olhar para o vulto e, aterrorizado, com os olhos fixos e todo o corpo a tremer, o rosto distorcido e a boca espumando no auge do horror, percebeu que estava nos braços do Grande Inquisidor em pessoa, do venerável Pedro Arbuez d'Espila. Este o contemplava com os olhos cheios de lágrimas e o ar de um bom pastor que recupera a ovelha perdida.

O sombrio padre apertava o infeliz rabino de encontro ao coração com tal ímpeto de fervorosa caridade que as pontas do cilício monacal, sob a túnica, abriam sulcos no peito do dominicano. E enquanto o rabino Aser Abarbanel, com os olhos convulsionados sob as pálpebras, ofegava de angústia nos braços do ascético dom Arbuez, compreendia *que todas as fases daquela noite fatal não eram senão um suplício previsto, o da Esperança!* O Grande Inquisidor, com um tom de pungente reprimenda e o olhar consternado, murmurava-lhe ao ouvido, com um hálito ardente e alterado pelos jejuns:

“Ora, meu filho! Na véspera, talvez, da salvação... querias nos deixar!”

